



O MAGICO.

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro etc. Comp, rua d'Alfaudega n. 135.— Assigna-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO 25 DE ABRIL DE 1852.

O PASSEIO DOS TREZ OU UM ROMANCE A' MODA

(Continuação do n. 22.)

— Sim, o que è isso ?

— Confesso que não sabia. Estava agora absorto a pensar n'um solo em copas; eu tinha os triumphos maiores, excepto a manilha: esta cahia logo na primeira mão, e eu ganhava o jogo. E era um bom solo, Leonardo!

Os outros acolherão com uma gargalhada o dizer serio do jovem padre, e disserão entre si:

— Está fora dos eixos; não regula.

— Mas, Leonardo, tratavamos agora aqui da impressão de um periodico, e vemos que é impossivel.

— Impossivel! e porque?

— Dinheiro! responde o outro roçando expressivamente o dedo polegar do indice. Demais precisamos dos collaboradores; e talvez mesmo nos falte materia, para encher a folha.

— Isso é o menos; inventa-se alguma questão a prêmio, e chamem os collaboradores, depois de muita asneira damos já solução cá ao nosso ver, e entretanto já teremos feito alguma couza.

— Isso é ridiculo. Havemos por ventura imitar a Marmota e o decantado — P. dos P.

— Bem adequado nome

— Triste Jose Daniel, que se ainda vivesse, tinha de se ver á braços com bom numero de Gauderios.

— E a Roza brasileira!

— Oh !... ,...

— Tão murcha, coitada !

— Mas deixemos agora descansar estes infelizes, interrompeo Leonardo. Talvez que possamos publicar um jornal, Mas agora vamos ver has pequenas. — Hereges! clamou o padre concentrado hoje, dia santo !

Entretanto joga-se, não é assim, meu padre?

— Ah! foi um desvario da imaginação.

— Pois o nosso é um desvario do bom gosto.

— Silenciol.... ao passeio.

E pegarão os trez nos chapéos e bengallas, chegarão ao espelho e sahirão.

O padre continuou a sua leitura. Consta que dahi a pouco adormecera sobre o livro.

Como era apreciado o nosso Chateaubriand!

III.

Veja se o artigo publicado no segundo numero do Guaracinga com o titulo de Rio de Janeiro

— Aonde iremos? perguntara o amigo Leonardo aos sociaveis companheiros.

— Ao passeio publico ?

— Mattacavallos?

— Ou Catete aristochratico ?

— Diabo, que nunca concordamos!

— Pois passeemos sem destino.

Apoiado da maioria.

E começarão a andar sem saber por onde, só pelo mero desejo de andar, e como nesses casos sempre prepondera alguma circumstancia, devemos advertir que a da occazião era um debate animado que de subito se ventilhava sobre interesses politicos. No foror da discussão os homens se esquecião, de si, e ião e vinhão por caminhos que já tinha transitado.

— Com que, diz Augusto, és republicano; não é assim meu caro bacharel?

— *Um peu* meu bom amigo regressista,

Oh lá acudia Leonardo; o monarchista é o amigo do regresso. Alistado debaixo das bandeiras monarchicas, defendel-as-ei com todo o empenho.

— E' ser regresista, sim, dizia calorosamente o bacharel! é ser regressista porque eu não entendo que o homem possa desenvolver-se uma plena liberdade.

— Liberdade! que bellas palavras! E acreditas em liberdades republicanas? Que linda chimera!

— As vezes ha mais tirannia, acrescentava o segundo monarchista; e nesse caso antes um tiranno rei, que um tiranno do povo.

• — Que, senhores! pois, não ha mais facilidade em acertar pelo voto de muitos?

— Voto livre! se a caballa cessasse estavamos bem servidos! um votaria no compadre, porque baptizou-lhe o filho; outro no cunhado, porque é irmão da mulher; outro no irmão porque é filho da mãe; e.... et cœtera. A caballa é muito necessaria.

— Para os homens pervertidos. Não era tão nobre o governo das republicas gregas e italianas? Já houve paz que em gloria houbreasse com Athenas, Sparta, Veneza, Genova, e outros grandes collossos dos tempos antigos e medios.

— E as sociedades não mudão? Os homens, e hoje tem as mesmas ideias que os Gregos antigos, ou os Italianos do XIV seculo? Cada idade deixa no tempo o canho do seu character; todos os povos se transformão á medida que passão as suas eras. Os barbaros se transformavão successivamente; forão os atrevidos companheiros dos bravos de Francisco I: passarão a ser os sabios de Luiz XIV, e são hoje esses homens que se alcunhão civilisadores do mundo. Assim tambem os batalhadores de D. João I. se prostituirão nos Portuguezes modernos. Os tempos não retrocedem; as republicas italianas são hoje irrealisaveis.

E quando não forem, acredita que hovessem nellas perfeita igualdade entre os seus membros? A aristocrcia italiana não era muito mais enfatuada de seus privilegios do que mesmo hoje a nobreza da inglaterra? São bellas palavras, são bellos pensamentos, mas são chimeras que uma imaginação desvairada.

— Bem fez um bonito discurso; quis mostrar que sahia historia..... mas passamos adiante por vão se poder realisar hoje a rebublica tal qual era na media, segue-se que não pôde ser estabelecida com o character dos tempos modernos?

Mas esse character é — anti — republicano.

— Entretanto é a do povo mais civilizado.

VARIEDADES.

— Remontamos ao tempo dos lubis-homens e das Fadas. O cazo é celebre! Erão dez horas da noite de quinta feira, o Ceo fazia caretas, e estava muito escuro, porque os lampiões parecião cançados de gastar azeite.

Derrepente vimos uma couza branca comprida movendo-se como que aos pinotes, bulha de ferros, quatro ou cinco vezes sepulcraes a dizerem — alpista— alpista— ferra — ataca dahi a alguns gemidos, e mais a couza branca se movia, e pareceo-me que tambem fallava. isto se passava em um lugar profundo que nem uma caverna, junto a montanha negra, do cumo da qual estava pendurado um gigante de forma quadrada. assim ao primeiro rompante, eu que sou nervozo, e apprehensivel pensei que erão almas do outro mundo, mas tornando a mim, criei animo me approximo do phenomeno e reconheci que era o official da ronda, montado em uma egua branca, que estava com raiva por deixar a cocheira e o capim aquellas horas para ir vizitar sentinellas e patrulhas. A montanha era a porta da cocheira, e o gigante a taboleta. Os gemidos, era o animal que ralhava com o seu companheiro de viagem por lhe estar esporeando as tripas, talvez por ser de um sexo differente.

Ora vejão o que é a gente tomar as couzas pelo volume!....

— Ha uma sociedade de baile na rua do Santo das Chaves (santo que dá entrada para o Ceu e para o inferno) pois sim, a dita cuja sociedade, teve o arrojo de dar um *bailéco*, na semana sancta. Consta que a authoridade competente não quiz tomar a si a responsabilidade da licença, porem o inspector permittio, comtanto que as portas estivessem fechadas (como senão fosse o mesmo); aconteceu que, abrião um bocadinho dahi a pouco estava tudo, vinha o *garnizez* e dizia — “ senhores fechem se “ — passado um pouco de tempo tornarão a se abrir sendo assim bem bom escandalo. Até que a final, ou cova o dente, dizia o *garnizez*. Os homens se taparão de uma vez. Tem agora uma outra rival à sua esquerda, a qual faz sua orchestra consistir em um piston e uma rabeca. Oh que harmonia!

— Um sujeito de certo armazem de sahidas e entradas-recebeo para entregar, como presente vindo de fora, um barrilote de vinho do bom, da noite para o dia desapareceo a parte maior do liquido, vem uma pessoa por elle; ha por esse motivo uma scena das mais interessantes; e da mesma forma, dessa noite para o dia seguinte aparece outra vez cheio!

O sujeito fez vinho d'agua sa'gada em menos de vinte e quatro horas, é habilidade!

— Consta, que de tantas carroças de lenha que se tem virado, partido e arreventado por essas ruas alem, de uma dellas ficou desgarrado um feiche, em um dos nossos buracos cheios

de lama; ficou esquecido e abandonado, e como a lenha era tirada da aroeira, e isto ha já seus dias, principiou a grelar. Em breve dará fructo e lá teremos os gaturamos todos da Illma. E' um bom sistema de plantação para termos arvoredos pello centro da cidade.

UMA DEFEZA VALIOZA.

Vá de historia, que se fizer rir ou chorar -erá bem bom para os leitores. Entremos na couza.

Um pintor ou antes um borrador de Tolosa, olhem bem que Tolosa é uma cidade franceza de França, foi accusado por uma mulher da vizinhança de a ter deshonrado, e como na occasião ella estava pejada requeria que elle a despozasse, ou que lhe pagasse uma innocencia que ella já tinha deixado roubar ha mais de quinze annos. O pobre diabo, quero dizer o borrador era feio, estúpido, e de mais a mais não possuia dez réis de mel coado, desesperado corre a aconselhar-se com um advogado, a quem diz que foi a tal mulher quem o tinha seduzido...

Calla-te díz o advogado, com esse teu focinho de porco, não te fica bem dizer que fostes seduzido: ninguem te daria credito.

Então prometteo-lhe tomar a sua defeza, sob condição d'elle não tugar nem mugir por mais desagradaveis que fossem suas palavras na defeza, assegurando lhe desta sorte o bom successo de sua cauza.

Chegado o dia do julgamento, depois do seu adversario declamar sobre a fraqueza, a fragilidade do sexo feminino, e sobre os artificios do outro sexo para illudil-o &c. o advogado do pintor tomando a palavra disse:

Sr. o meu cliente é um mono, um pobretão é um estúpido... O pintor ouvindo isto quiz fallar porem seu defensor lhe impoz silencio, e continuou: dice que meu cliente era um mono... quereis certeficar-vos olhai para elle: que era um pobretão... elle é pintor; que elle era estúpido... dignai vos interrogal-o.

Estabelecidas estas verdades, continuarei: ninguem póde se duzir senão com belleza, dinheiro ou espirito, e sendo estes trez predcados justamente aquelles que são constantes inimigos de meu cliente, concluo que a accusação é falsa, e essa mulher é uma embusteira.

Os juizes largarão-se a rir, e absolverão o reo d'accusação.

ESTUDOS THEATRAES.

Não fomos, inda aqui estamos. A suspensão dos espectáculos lyricos, suspendeo-nos tambem a vontade de estudar; porem agora que vimos apontar no horizonte theatral uma constellação grandioza e brilhante, que os nossos astrónomos assegurão ser uma das primeiras constellações conhecidas, abrimos de novo nosso compendio, e principiaremos nossos estudos quando essa constellação chegar ao alcance de nosso observatorio. Antes porem de chegar esse momento, não deixaremos de notar que nos parece de mau agouro, que a primeira vez que essa constellação s'apprezentava aos olhos de alguns astrónomos, na *Favorita* da noite, ella se deixasse ver ennuviada e pallida como estrellas que extranha o ar que a circunda.

Fallamos de Mme. Stoltz, e de sua enfermidade tão mal cabida e tão pouco lisongeira.

Basta de exordio, comecemos a lição.

Lemos em uma folha semanal, que a Sra. Stoltz assistindo á representação da *Ruinha de Chipri* applaudira a Sra. Zecchini.

A ser verdadeira a nova que nos deu essa folha, como explicaremos esses applauzos?

Serão generosidades da consciencia de seu proprio merecimento?

Será justiça ao merito da Sr. Zecchini?

Será alarde da generosidade perante o publico que devia julgá-la!

Ou será?... Seja o que fôr, são certamente um acto de nobreza e civilidade, que deve previnir o publico a seu favor, e que não hade ser perdido para o seu bom ou mau acolhimento?

Comnosco cremos, que devem pensar todas as pessoas sensatas; comnosco cremos dever concordar todos aquelles, que despidos d'interesses, de despeitos e de protegidos, não attenderem senão ao merecimento artistico de um cantor; e por isso julgamos de nenhum fundamento de que *alguem* do theatro arranjará gente para patear a Sra. Stoltz!

A darmos credito, perguntariamos a quem nos governa: até quando se hade consentir no theatro um homem, que tem sido o perseguidor de todas as cantoras de nossa scena? que nos tem vilipendiado a seus olhos? que nos fez perder A Merea, Mugnai, Candiani, Ida, Pretti?

Até quando se hade consentir que um homem desfigure nosso character, e nos faça ter em menos conta do que merecemos?

A comissão directora procura por meio do *J do Com.* um empregario para o theatro...

Não sabemos, nem queremos saber as razões, que tem para depôr funcções, que não nos parece das mais trabalhosas; porem podemos assegurar-lhe, que hade encontrar difficuldades e não pequenas, para deparar com um empresario, enquanto esse homem tiver gerencia em bastidores. Compenetre-se bem a comissão de nossas palavras, e virá no conhecimento de sua-veracidade entretanto axamine profundamente esses boatos de pateada, e se forem verdadeiros, reclame á auctoridade competente, e prohiba com todas as suas forças, que se de mais uma vez espectáculo de selvajaria, que muito a, quem da civilização brasileira.

O Chico.

O DOENTE.

O cazo que vou narrar passou-se entre certo doente e o doutor, que assistia; teve elle a lembrança de dizer que soffria da febre da quadra, para assim afugentar a visita dos curiosos e indiscretos a fim de não saber tanta gente a cauza real de sua enfermidade. A lembrança é digna de quem a concebeo, porem faltou sempre alguma couza, que foi não ter hido para fora cónvalescer: isto deo motivo a alguns juizos temerarios, pois no primeiro dia que se fez visivel, não estava nem mais nem menos amarello do que a sua côr natural. Quem quizer que morda a isca.

Um sugeito ha poucos dias
Soffreo de febre amarella
E' mentira foi de reio
D'uma grande escóvadella.

Quando o medico assistente
Tomava o pulso em lugar
Dizia-lhe aquelle ao ouvido
" Cá nas costas ha-de achar.

E' ahi que eu tenho febre,
Doutor eu peço segredo,
Pela lezão das pancadas,
P'ra não soffrer cassoadas.

Eu direi que é amarella
Ainda que pareças roxo;
Pois a coça foi de mestre
Que te fez ficar tão coxo.

Ah que queres, as bellôzas
São couzas desta amargura,
Serão sempre meu fadario,
The baixar à sepultura.

" Mas nota que não ha sempre
Desculpa na epidemia,
E a cauza destas doenças
Virá a saber-se um dia.

" Paciencia, que remedio
Examina-me doutor.
Aí! que doe lave o diabo,
Quem não goza um bello amor.

" Que taes gozos meu amigo
Esses amores e bellas
Não tomo nada, com isso.
Estimo mais as costellas.

R.

Esta carta è a companheira da outra que publicamos no numero passado, e que parece ser da—figurante do nosso Adonis das letras de conta; fica o nome do sujeito, que vem patente, porque ellá o chama por elle em sua cartinha expressiva, e ate escreveo seo proprio nome por extenso, que por defferencia não publicamos senão as iniciaes.

Meu querido Joãozinho.

Muito padece meu coração ausente de ti, meu adorado Joãosinho, ontem quando foste para vossa casa, o meu coração sepultou-se, na maior tristeza que he possivel, o amor que eu vos proteyto, fais com que eu não deixe de não te escrever, por que he o unico alivio, que tenho em meu coração.... Qual he o praser de uma amante, meu adorado, Joãosinho. He sen duvida ser correspondida do seu amante, Adorado.

Joãosinho, eu vos pesso pela amizade que me proteyto, não me deixe de escrever hum sò dia, que he para mim grande praser, não posso te escrever assim como eu desejo, porque eu tenho Má.

*Aceita o fiel coração
desta tua amante.*

C. A. de M.

quero me desculpar apressa foi muita

volte.

CHARADAS.

Quando recebo obzéquios
Bem quando apertos sinto
Cumpro essa lei do dever
Assim pratico não minto—2

O que fôr tão revestido
De sentimentos leas
Pratique melhor que faço
Nas primeiras; qu'esta é mais—1

Sou daquelle que me ama,
A completa maravilha;
E' feliz o que me goza,
O que de graça me pilha.

E. A. R.